



Utopia: das origens da palavra a 1848.

De como palavras-conceito se forjam a partir dos processos reais ¹

Michèle Riot-Sarcey²

Ao longo dos tempos, a utopia passou de gênero literário à doutrina política ou às projeções messiânicas, mas ela permaneceu, a princípio, incompatível com a ordem existente, fosse qual fosse. Desde que passou a existir enquanto vocábulo, a utopia, assimilada ao ideal social, regenera e renova a esperança popular. No entanto, sempre foi assustadora. Forjada em 1516 pelo inglês Thomas More (1418-1535), a palavra utopia, de difícil tradução, promove deliberadamente equívocos e a pluralidade de significados. Como entre lugar (*topos*) de lugar nenhum e de tempo algum (*u*, prefixo que indica privação) e, ao mesmo tempo, lugar de bem-aventurança, onde tudo corre bem, a ideia escapa a todos aqueles que teriam a vontade de fixar sua existência em um espaço e temporalidade quaisquer. Utopia nasce da astúcia de seu autor, que joga com as palavras gregas para escapar da censura de seu tempo. Antes de mais nada sendo a arte de escrever, a utopia confunde o leitor e o obriga a pensar buscando a definição certa. Na verdade, a ilha *Utopia* é o espelho invertido da Inglaterra de Henrique VIII. A fábula simplesmente permite que seu autor prefigure, na forma de narrativa de viagem, um mundo diferente ou outro mundo possível.

Na época do positivismo triunfante no século XIX, as cidades ideais dos antigos figuravam entre os antepassados das utopias reformadoras: de *A República* de Platão (427-347 a.C.) à *A Cidade de Deus* de Agostinho (354-430 d.C.). Ao mesmo tempo em que estão perto das ideias e distantes no espírito, essas construções diferem das utopias modernas. Na verdade, enquanto Platão procurava, ao nível do discurso, à fazer ouvir uma crítica à democracia de seu tempo, Agostinho se esforça para construir a cidade celestial a uma distância da Igreja estabelecida e do Império Romano. Se os antigos estavam preocupados em transmitir uma experiência individual ou coletiva aos seus descendentes, e se os gregos adorassem experimentar a política, a ideia de uma sociedade diferente não estava presente em seus espíritos. Pelo contrário, o devir futuro da humanidade pertence plenamente aos modernos.

¹ Tradução de Jamile Gonçalves e revisão e notas de Jorge Nóvoa.

² Professora emérita em História Contemporânea da Universidade Paris-8, escreveu vários livros sobre gênero, feminismo, história política e utopias, incluindo *Dictionnaire des utopies*, com Thomas Bouchet e Antoine Picon (Larousse, 3ª edição, 2008). Último livro publicado: *The Trial of Freedom* (The Discovery, 2016).



Enquanto modelo que supera o real e nos faz temer o pior, a utopia rapidamente se torna um modo de pensar: uma maneira de aliviar os medos, ao mesmo tempo em que favorece fantasias. Identificado com o ideal, o sonho, a quimera e depois o mito, a utopia fascina. Pode ser uma doutrina cujos efeitos sociais são temidos: como a profecia milenarista de Thomas Müntzer (1489-1525), contemporâneo de Thomas More, que acompanha a guerra dos camponeses alemães. Estes foram esmagados em 1525, após haverem sido renegados por Martin Luther (1483-1546), fundador da Reforma e do Protestantismo.

Modo de resistência crítica

Doutrina ou gênero literário, a utopia contudo, bebe sua inspiração do real. A ficção de que emana não para de construir, pela imaginação ou pela crítica, uma sociedade nova, com a ajuda dos saberes do tempo ou de seus desvios: *A nova Atlântida* de Francis Bacon (1561-1626) é um exemplo. Predição messiânica, ao encontro da sociedade, a utopia pode ser também um modo de resistência aos poderes estabelecidos. *A Cidade do Sol* de Tommaso Campanella (1568-1639), uma imagem perfeita do universo, um todo fechado, é dirigido por um filósofo monarca; o discurso, sob a forma de um relato de viagem, é escrito por seu autor de sua prisão em resposta às torturas sofridas após o fracasso da insurreição da Calabria, contra os ocupantes espanhóis. Nesse sentido, o ideal e o real estão intimamente ligados.

O Iluminismo e a Revolução Francesa marcaram uma ruptura, as perspectivas messiânicas, teológicas ou metafísicas desapareceram em favor do espírito de reforma. Os projetos de paz perpétua do abade de São Pedro (1658-1743) e depois de Emmanuel Kant (1724-1804) modificam as projeções para outro mundo, com o desejo de melhorar aqui e agora as relações entre os seres humanos. Sem dúvidas, é o *Esboço De Um Quadro Histórico Do Progresso Da Mente Humana* de Condorcet (1743-1794), que dá ao *Princípio da esperança* - Ernst Bloch (1885-1977) - o tom mais moderno da crença no progresso humano. Escrito na era revolucionária, em um momento de desestabilização do mundo real, além da pessoa que foi um dos primeiros republicanos, este texto é um hino para a humanidade futura. Uma humanidade composta de homens e mulheres que deveriam alcançar a perfeição.

As mais conhecidas doutrinas utópicas são pensadas, escritas e propagadas na primeira metade do século XIX. Seus principais autores, que muitas vezes são caricaturados, querem iniciar reformas e tentar implementar seus projetos, ao passo em que são persuadidos da viabilidade de seus pensamentos. Reformadores



genuínos aos olhos dos contemporâneos mais esclarecidos, Henri de Saint-Simon (1760-1825), Charles Fourier³ (1772-1837), Robert Owen⁴ (1771-1858) entraram para a história como fundadores do socialismo utópico, de acordo com a classificação de Friedrich Engels (1820-1895), que os opôs, no final do século XIX, ao socialismo científico. Inversamente, de acordo com Henri de Saint-Simon, a utopia refere-se à incerteza dos contemporâneos diante da necessidade de realizar um "projeto de aperfeiçoamento da ordem social". Ele colocou o trabalho no centro da modernidade e do progresso industrial, com a condição de estar preocupado com a "classe maior e mais pobre". Seus discípulos estiveram na origem da ideia da mulher livre na década de 1830, e sua influência ultrapassou amplamente as fronteiras.

Emancipação das mulheres

Precusores reconhecidos da revolução industrial e bancária, os seguidores de Saint-Simon entraram para a história, enquanto as suas extravagâncias "utópicas" logo foram atribuídas ao espírito da década de 1830, durante o qual as pessoas puderam acreditar na emancipação das pessoas e das mulheres. O próprio Charles Fourier foi considerado o pai do feminismo (o neologismo apareceu no final do século XIX), que, em 1808, considerou que as civilizações progrediriam apenas em termos da liberação das mulheres. Com seus discípulos, sua mente inventiva superava toda a racionalidade aparente de qualquer ideia moderna que considerasse o trabalho, não como uma restrição, mas como um prazer ou uma paixão. Enquanto isso, na Inglaterra, Robert Owen goza de uma reputação excepcional. Todos queriam visitar sua fábrica em New Lanark (1820-1825), na Escócia, onde cuidava da educação das crianças e melhorava as condições de trabalho dos operários. Sua popularidade declinou vertiginosamente quando ele passou a atacar as igrejas e sua cegueira inerente. Ele permaneceu, no entanto,

³ Charles Fourier, nascido em 7 de abril de 1772 em Besançon e falecido em 10 de outubro de 1837 em Paris, é um filósofo francês, fundador da Escola Société. Considerado por Karl Marx e Friedrich Engels como uma figura do "Socialismo Crítico-utópico", do qual outro representante foi Robert Owen, várias comunidades utópicas, indiretamente inspiradas por seus escritos, foram criadas desde a década de 1830. Cf.: https://fr.wikipedia.org/wiki/Charles_Fourier.

⁴ Robert Owen, nascido em 14 de maio de 1771 em Newtown (Montgomeryshire County) (País de Gales) e morreu em 17 de novembro de 1858 na mesma cidade, era um empresário britânico e teórico socialista. Suas idéias e realizações inspiraram uma corrente socialista dita "utópica" conhecida como "owenism", influente durante a primeira metade do século XIX. Ele é considerado o "pai fundador" do movimento cooperativo e do socialismo britânico. Cf.: https://fr.wikipedia.org/wiki/Robert_Owen



muito popular entre as classes trabalhadoras inglesas até sua morte. O pai fundador das cooperativas de produção, também foi precursor da ideia de comunidade.

1848 na perspectiva dos dias atuais: a revolução perdida?

A revolução de 1848 é um exemplo emblemático da utopia operando um real de utopia, da mesma forma que eu defini em minha obra epônima⁵. Um pequeno grupo de revolucionários parisienses conseguiu, em três dias, realizar o sonho da grande maioria dos trabalhadores urbanos e que simboliza a ideia de república democrática e social. A abolição da miséria, a implementação da liberdade como a capacidade de agir de acordo com os termos de Pierre Leroux, da geração de 1848, permite acreditar, num tempo, as possibilidades imaginadas pelos grandes utópicos da primeira metade do século XIX, entre os quais eu classifico Karl Marx. Mas, uma utopia bem real, não doutrinária, nem dogmática, mas concreta, onde a melhoria da sorte dos trabalhadores está no coração das apostas do tempo. Antes mesmo da ideia de república, a revolução demonstra que a liberdade política é inseparável da liberdade social e que os princípios diretores da Revolução de 1789, para tornarem-se verdadeiros, devem ser realizados imediatamente. O fracasso de junho de 1848, pôs fim às esperanças e por um longo tempo, mas a memória subsiste e a esperança reaparece em outros lugares, na França, em 1871, e em muitos outros países. A primavera "árabe" é uma dessas ressurgências impossíveis de ser sufocada. Os vencidos não o são jamais definitivamente, sempre a ideia retorna diferentemente para pôr fim às ideologias liberais.

Em fevereiro de 1848, a insurreição dos trabalhadores provocou uma ruptura da qual a ideia concreta da revolução adquiriu seu significado.

A revolução de 1789 era puramente política, a de 1848 é muito maior e mais ousada; porque é tanto política quanto social [...]. Mudando a forma de governo, quebrando a ficção constitucional para substituir a verdade democrática, tocando apenas no topo do edifício. Mas, a reforma social ataca o próprio fundamento em que tudo repousa..." (Manifesto de C. Paillard, jovem normalista)⁶.

Nos dias 22, 23 e 24 de fevereiro, ou seja, em três dias, o rei Luís Philippe, que subiu ao trono com a derrota da revolta e das barricadas de 1830, foi forçado a abdicar. A revolução prossegue a partir do tema da reforma social. A palavra reforma, naquela época, tem significado próximo àquele da utopia, considerando-se

⁵ RIOT-SARCEY, Michèle. *Le réel de l'utopie*. Paris, Ed. Albin Michel, 1998.

⁶ Na França um normalista (normalien) era, na época, um estudante de escola de formação, equivalente aos últimos anos do ensino médio ou também, ao que é ainda, o equivalente ao ensino superior, como no caso daquele da École Normale Supérieure da rua Ulm, tornada célebre por Louis Althusser (NR).



as transformações que ela propõe. As testemunhas são formais: o povo age "como se ele tivesse não apenas o direito, mas a própria lei". Os vencedores de fevereiro esperam, primeiramente, pôr fim à miséria, reduzir o tempo de trabalho, abolir a superexploração⁷ e melhorar as condições de vida dos trabalhadores. Homens e mulheres vão às ruas com estandartes nos cortejos, manifestando continuamente para obter uma real transformação da condição operária. No referido mês de fevereiro, ninguém contesta a preponderância dos trabalhadores e a República, embora provisória, é a deles. Ela se autoneia, a partir de então, de democrática e social. O Governo Provisório, que havia sido chamado precipitadamente pelos grandes jornais da época e como resultado de uma campanha dita de banquete (reunida para exigir, em vão, a extensão do sufrágio censitário ao chamado sufrágio universal), após ter proclamado a República em 24 de fevereiro, decretou a lei do trabalho em 25 deste mês e, em seguida, a abolição da pena de morte por razões políticas, para se distinguir do Terror. Com a imprensa liberada, o direito de associação e de reuniões são utilizados para escrever petições, reivindicar e debater com o objetivo de que "as palavras se tornem verdade" e que os "princípios liberadores sejam finalmente implementados". Em 2 de março, os principais decretos responderam às reivindicações expressas durante as grandes greves de 1840, como a limitação da jornada de trabalho (10 horas em Paris, 11h nas províncias) e a abolição da superexploração. Finalmente, em 4 de março, a abolição da escravidão foi proclamada para satisfazer a impaciência dos escravos revoltados.

Não obstante, o Governo Provisório faz declarações solenes de que "a revolução feita pelo povo deve ser feita para ele; que é hora de pôr fim aos longos e injustos sofrimentos dos trabalhadores; que a questão do trabalho é de suprema importância...". Ora, a resolução desta questão prioritária é confiada a Louis Blanc, a quem é negado o Ministério do Trabalho. A Comissão do Governo para os trabalhadores que ele preside é, portanto, relegada ao Luxemburgo, em vez da Chambre des Pairs (Câmara dos Pares)⁸. Com o fim de respeitar a lei, *ateliês*

⁷ Para uma leitura mais larga do contexto ligado à redução da jornada de trabalho e da superexploração da força de trabalho na França da primeira metade do século XIX, ver dentre outros, o artigo de François Jarrige *La durée du travail, la norme et ses usages en 1848* (<https://www.cairn.info/revue-geneses-2011-4-page-70.htm>). As diferenças de salários para o mesmo trabalho davam margem às chantagens e ao regateamento (pechincha) dos patrões visando desvalorizar e baratear a única mercadoria do trabalhador. Isto obrigou ao movimento operário a lutar contra as jornadas de 10 horas e contra a prática do pagamento de salários desiguais pagos ao mesmo tipo de trabalho.

⁸ A Câmara dos Pares foi na França a Câmara Alta do Parlamento durante as duas Restaurações, os Cem-dias e sob a Monarquia de julho. Instituída por Louis XVIII devia funcionar em harmonia com a monarquia restaurada. O rei devia escolher seus membros na nobreza ou conferir um título àqueles que ele fazia entrar nela. Devia ser o órgão natural dos



nacionais são imediatamente abertos para homens; será necessário esperar até 10 de abril para que o mesmo se aplicasse às mulheres. Enquanto as autoridades dizem que querem organizar o trabalho, os operários já estão agindo para organizar os trabalhadores.

Muito rapidamente, duas concepções de República se chocam. Os moderados, ou "republicanos do dia seguinte", preparam as eleições e esperam pela "sabedoria" do sufrágio universal, enquanto os "republicanos do dia anterior" desejam respeitar os compromissos do Governo Provisório para pôr fim à miséria e, se possível, segundo a expressão dos "verdadeiros reformadores republicanos", para por fim também à *exploração do homem pelo homem*. O medo do comunismo - consequência lógica da ideia republicana, de acordo com Heinrich Heine⁹, um arguto observador da política francesa -, assombra as mentes conservadoras a ponto de influenciar mesmo o menor dos proprietários de terra. Era também o que pensava, George Sand, escritor reconhecido, muito engajado com o Governo Provisório e quem redigia despachos – como "porte-plume" (porta-pena) de Alexandre Auguste Ledru Rollin¹⁰. À época Karl Marx escreveu no seu Manifesto

interesses da nobreza e apoiar solidamente a realeza. Criada *ex nihilo* em 1814, foi suprimida em 1848 quando do início da Assembleia Nacional Constituinte da Segunda República. Ela só sera realmente substituída (enquanto Câmara Alta) pelo Sénat no fim do Segundo Império. Os Pares da França, cujo nome provém da Câmara Alta do Antigo Regime, são hereditários até a revolução de 1830. Ver Wikipédia. Consultada: https://fr.wikipedia.org/wiki/Chambre_des_pairs e <https://fr.wikipedia.org/wiki/Restauration>. Acesso em 08/10/2017.

⁹ Christian Johann Heinrich Heine, de origem judia, nasceu em Dusseldorf, em 1797 e morreu em Paris em 1856 e foi um dos maiores escritores alemães do Século XIX. Heine é considerado como o "último poeta do romantismo" e, ao mesmo tempo, como aquele que segue nele até as últimas consequências. Eleva o nível de linguagem poética, a rubrica cultural e as memórias de viagens ao estágio de obra de arte, conferindo à literatura alemã, uma elegância e uma leveza até então desconhecida. Seus poemas viraram letras de músicas. Foi também um jornalista crítico e engajado politicamente. Escreveu ensaios, um satirista e um polemista temido. Por sua origem judia e por seus posicionamentos políticos foi hostilizado por certos setores, marginalizado-o. Os anos 1840 – e depois de passar pelos saint-simonianos – suas posições se tornam mais radicais em poemas como *Os tecelões silesianos* de 1844 e que foi publicado por Marx no jornal *Vorwärts* e por Engels em inglês no jornal *The New Moral World*. Embora amigo de Marx e de Engels, manteve independência, também em relação aos saint-simonianos, malgrado suas simpatias por ambas as correntes. Isto não impediu aos seus amigos de o considerarem um dos maiores poetas de seu tempo. É dele também a ambição de escrever um romance histórico enciclopédico (*O Rabi de Bacherach*) que desenharia a trajetória judaica na sociedade feudal. Mantie-se afastado religiosamente, tanto do judaísmo, como do cristianismo, mas se identificou com o projeto da convivência tolerante dos povos de cultura judaica e alemã. Frequentou George Sand e boa parte de seu círculo de amigos. Cf. https://fr.wikipedia.org/wiki/Heinrich_Heine

¹⁰George Sand, pseudônimo de Aurore Lucile Dupin Amantine, Baronesa Dudevant, é um romancista, dramaturgo, escritor de cartas, crítico literário e jornalista francês, nascido 1804 e morto em 1876. Tem mais de 70 romances e 50 volumes de várias obras, incluindo contos, histórias, peças teatrais e textos políticos. Defendeu a mulher, a paixão, e critica o preconceito de uma sociedade conservadora. Foi um escândalo por sua vida amorosa agitada, por seu traje masculino e seu pseudônimo masculino lançando moda. Apesar de ter muitos



Comunista: "um espectro assombra a Europa"! Particularmente em Paris, mas também em todos os lugares, nas cidades, as discussões se tornaram mais animadas, remetendo à tradição e à memória de 1789 que domina. Nos clubes, na imprensa e na rua, o povo insurreto imagina a realização das promessas da grande Revolução que havia permanecido a meio caminho, como Charles Fourier escreveu em 1808.

As mulheres de 1848 não ficaram atrás nesse processo. Elas se organizaram com a ajuda de seu periódico *La voix de femmes* (A voz das mulheres) e se expressavam contra a injustiça de uma República que esquece a metade da humanidade. Elas denunciavam que a República se apropria da universalidade dos princípios libertadores - dos quais elas próprias são excluídas, particularmente no que diz respeito ao direito de voto. E suas vozes são ouvidas inclusive nos *Ateliês Nacionais*¹¹. Um exemplo desta luta foi a vitória de Désirée Gay que foi eleita pelo segundo bairro, que protesta contra a iniquidade da gestão dos homens.

Muito rapidamente, a situação econômica se deteriora. Dada a falta de uma tradição democrática, as eleições parlamentares foram realizadas seguindo os maus auspícios: foram organizadas muito cedo, nos dias 23 e 24 de abril de 1848, apesar dos protestos dos "republicanos da véspera" que, com razão, temiam a influência dos notáveis locais - como foi o caso, por exemplo, de nada menos que Alexis de

críticos como Charles Baudelaire, Sand contribui ativamente para a vida intelectual de seu tempo, acolhendo personalidades tão diferentes como Franz Liszt, Frederic Chopin, Marie d'Agoult, Honoré de Balzac, Gustave Flaubert, Eugène Delacroix. Ela fez grande amizade com Victor Hugo, por correspondência. Estas duas grandes personalidades nunca se encontraram. Ajudou a fundar três jornais: *La Cause du peuple*, *Le Bulletin de la République*, *l'Éclairneur*. Defendeu junto a Napoleão III a causa de condenados, inclusive a de Victor Hugo, que ela tentou obter graça. Fez política ativa a partir de 1848, tendo sido "porte-plume" (encarregada da escrita dos documentos e comunicados) de Alexandre Auguste Ledru-Rollin que foi advogado, republicano progressista que influenciou o processo que desemboca em 1848 e na II República. Ledru-Rollin foi Ministro do Interior do Governo Provisório e fez instituir o sufrágio universal masculino. Cf. https://fr.wikipedia.org/wiki/George_Sand

¹¹Os Ateliês Nacionais tiveram origem na Revolução de fevereiro de 1848 com o estabelecimento da II República pondo fim a Monarquia de Julho (1830-1848). Potencializado pela crise econômica e social, o descontentamento popular de Paris, centro das revoltas, é uma das preocupações máximas do Governo Provisório. Formaram-se organizações destinadas a oferecer trabalho aos desempregados da capital. O Estado interveio diretamente oferecendo, organizando e pagando aos trabalhadores. Tal « experiência social » durou apenas três meses de março a junho de 1848. No *A Organização do Trabalho* (1839), Louis Blanc previa os Ateliês Sociais, a criação de cooperativas de produção, Associações de Operários da mesma profissão, sem patrões. O Estado deveria favorecer a criação delas oferecendo o capital inicial. Procurando contrariar essas experiências os Ateliês Nacionais foram criados na urgência se inspirando nos Ateliês de Caridade que existiam no Ancien Régime. Mas houve o caso de Olympe de Gouges que preconizou a criação Ateliês quando da Révolution française semelhante aos Ateliês Sociais. Consulta: https://fr.wikipedia.org/wiki/Ateliers_nationaux. Acesso em 08/10/2017.



Tocqueville¹², que organizou com habilidade sua campanha eleitoral contra os partidários da partilha com igualdade das terras. Dos 880 eleitos, o conservadorismo prevaleceu entre os eleitores rurais. E apesar da alta porcentagem de eleitores que foi de 84%, a maioria dos representantes eleitos foi de "republicanos do dia seguinte" e de partidários da realeza legitimista e orleanista. Os insurretos serão malmente representados por uma pequena minoria de "republicanos da véspera" e de socialistas.

Enquanto isso, de mais a mais numerosos observadores hostis e ansiosos, passam a ser tomados pelo pânico, pela dimensão assumida pelos interesses dos trabalhadores na nova República e estigmatizam "aqueles vagabundos" dos ateliês nacionais (Victor Hugo), pagos para não fazer nada (Prosper Mérimée¹³).

Em 4 de maio, o novo governo proclamou oficialmente a República, que ainda estava muito longe das esperanças de fevereiro, expressas em uma última manifestação, a de 15 de maio, que contou com a participação de 100 mil pessoas, a favor da "infeliz" Polônia, também insurgida contra aqueles que partilharam entre si seu território. Após a invasão da Assembleia Constituinte, os principais "portavozes" socialistas foram presos. A Comissão do Luxemburgo foi fechada em 16 de maio e os *ateliês nacionais* dissolvidos em 24 de maio. Tudo contribuiu para a revolta dos esquecidos e abandonados.

Inesperada e, contudo, previsível, a Insurreição de Junho surge espontaneamente, sem mestre e sem guia. Massiva, especialmente no leste da capital, sua organização provoca a admiração dos observadores mais hostis. Nos dias 23, 24 e 25 de junho, a luta tornou-se feroz, Paris tornara-se um campo de batalha. A repressão aumentava proporcionalmente ao medo sentido pelos

¹²Alexis-Henri-Charles Clerel, Conde de Tocqueville, geralmente chamado Alexis de Tocqueville, nascido em 1805, morreu em 1859, é um filósofo político, político, historiador, precursor da sociologia e escritor francês. É famoso por suas análises da Revolução Francesa, da democracia americana e da evolução das democracias ocidentais em geral. Raymond Aron e Raymond Boudon, entre outros, destacaram sua contribuição para a sociologia. François Furet, por sua vez, apresentou a relevância de sua análise da Revolução Francesa. Seu trabalho teve uma influência considerável no liberalismo e no pensamento político, da mesma forma que os de Hobbes, Montesquieu e Rousseau. Cf. https://fr.wikipedia.org/wiki/Alexis_de_Tocqueville

¹³ Prosper Mérimée, nascido 1803 em Paris e morreu em 1870 em Cannes, é um escritor, historiador e arqueólogo francês. Da classe média, Prosper Mérimée estudou direito antes de se interessar por literatura e publicação em 1825 textos, especialmente contos, que o tornaram conhecido e lhe valeu o direito de ser eleito à Academia francesa em 1844. Em 1831, ele entrou nos escritórios ministeriais e tornou-se em 1834 Inspetor Geral de Monumentos Históricos. Promoveu com o arquiteto Eugène Viollet-le-Duc a recuperação de edifícios, tais como a catedral de Notre Dame em Paris em 1843 ou a cidade de Carcassonne, a partir de 1853. Perto da Imperatriz Eugénie é feito senador em 1853. Cf.: https://fr.wikipedia.org/wiki/Prosper_M%C3%A9rim%C3%A9e



proprietários. Contra os gritos de "vencer ou morrer dos insurretos", os Guardas Nacionais, especialmente impiedosos, responderam "morte aos vencidos". Muitas das vítimas foram executadas sem julgamento. Vários milhares são presos e comprimidos em prisões improvisadas. Algumas centenas serão transportadas para as colônias (Argélia e Caiena).

A "guerra civil", considerada como tal pelos contemporâneos, tem sido objeto de numerosos comentários e desde então a ideia de república democrática e social é assimilada a uma utopia, da qual os reformadores da época são considerados responsáveis. Surpreendentemente, depois de junho de 1848, os trabalhadores não se desarmam. A ideia de associação e de "governo direto dos trabalhadores", de acordo com o apelo feito de dentro da prisão, por Pauline Roland, toma forma conseguindo reunir mais de uma centena de coletivos em uma *Associação de associações* a qual tem os estatutos elaborados por uma mulher: Jeanne Deroin, também candidata, apesar da lei e da hostilidade de Pierre Joseph Proudhon às eleições legislativas parciais de 1849.

Os responsáveis da *Associação das associações* são presos em 29 de maio de 1850 e não terão, pois, tempo de colocar em obra seu projeto. Contudo, a ideia subsiste no subterrâneo das memórias dos trabalhadores.

No século XX, a utopia parece ter perdido o seu encanto. A razão liberal atribui facilmente o termo utopia ao comunismo "realmente existente", como se os temores anunciados pelos defensores do conservadorismo fossem realizados na "ditadura do proletariado", ou melhor, na radical distorção da ideia de Karl Marx (1818-1883). O modelo organizado parece triunfar no seu aspecto mais restritivo, hierárquico e repressivo. Mas, a utopia em seu princípio é incompatível com a ordem existente, seja lá qual for. À distância do comunismo da década de 1840, quando a comunidade, o compartilhamento de bens e as tarefas coletivas eram consideradas compatíveis com a liberdade individual, as organizações partidárias, depois da revolução de 1917 em particular, convertem o espírito utópico em uma organização despótica, até que a ideia se torne a caricatura do totalitarismo. Apesar da morte proclamada de utopias com a queda do Muro de Berlim em 1989, a ideia ressurge com o espírito de esperança de seus primeiros seguidores.